

DIPLOMACIA

Oposição repudia críticas “desonestas”

Grupo parlamentar Brasil-Israel considera “tendenciosas” as palavras do presidente Lula. Ministro do Supremo Tribunal Federal também reage às declarações

» ALINE BRITO

A declaração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em que comparou a reação de Israel na Faixa de Gaza ao Holocausto, repercutiu entre congressistas.

O senador Rogério Marinho (PL-RN), líder da oposição no Senado, afirmou que a declaração de Lula representa “rasgos de senilidade, maldade deliberada, ignorância histórica e equívoco do ponto de vista da ética, moral e perspectiva geopolítica. O Brasil voltou... Padrão PT”, ironizou, nas redes sociais.

O grupo parlamentar Brasil-Israel publicou uma nota de repúdio. A bancada considerou “tendenciosas e desonestas” as afirmações de Lula e disse que “declarações inconsequentes como essa, e outras nos últimos dias, mostram o desconhecimento histórico e a falta de equilíbrio para presidir o nosso país, reconhecido historicamente como uma nação negociadora da paz”.

“É preocupante e lamentável que o presidente Lula, no tocante à guerra em Gaza, dia após dia, apequene o Brasil no mundo da diplomacia”, completou.

Até o momento, 103 parlamentares assinaram um pedido de impeachment contra Lula, incluindo deputados de partidos que compõem a base do governo e comandam ministérios. Conforme apurou o **Correio**, o documento deve ser protocolado hoje. Entre os deputados federais estão ao menos 20 nomes ligados ao Executivo e quatro partidos com ministros na gestão atual.

A maioria das assinaturas é de parlamentares do PL, partido do ex-presidente Jair Bolsonaro. Também há 10 do União Brasil, seis do Progressistas (PP), dois do Republicanos e dois do Partido Social Democrático (PSD). O **Correio** entrou em contato com as

Roque de Sá/Agência Senado



Rasgos de senilidade, maldade deliberada, ignorância histórica e equívoco do ponto de vista da ética, moral e perspectiva geopolítica. O Brasil voltou..., padrão PT”

Rogério Marinho (PL-RN), senador

legendas, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.

Já a bancada do Novo no Congresso decidiu apresentar à Procuradoria-Geral da República (PGR) uma notícia crime contra Lula. Após a declaração do presidente sobre Israel, os parlamentares Marcel van Hattem (Novo-RS), Adriana Ventura (Novo-SP) e o senador Eduardo Girão (Novo-CE) protocolaram a comunicação no último domingo. Eles afirmam que o chefe do Planalto teria praticado o crime de racismo.

A bancada ressalta, no documento ao qual o **Correio** teve acesso, que Lula promove, junto ao PT e aliados, “ataques a Israel” e tem “defendido o grupo terrorista Hamas”. “A defesa do grupo terrorista Hamas é tão evidente que esse mesmo grupo emitiu uma nota agradecendo ao presidente da República pelo discurso proferido”.

“Acontece, porém, que a declaração proferida extrapolou todos os limites, que já quase não mais existiam, a respeito do que é esperado da diplomacia internacional e, principalmente, do chefe de Estado brasileiro. Tanto é assim que a declaração do presidente da República causou e tem causado fissuras e rachaduras na relação internacional diplomática entre Brasil e Israel”, argumentaram os integrantes do Novo.

O partido também apresentou, na última sexta-feira, outra notícia crime contra Lula relacionada à guerra no Oriente Médio. No documento, alega que o presidente cometeu crime de terrorismo, ao divulgar que fará aportes extras à agência de refugiados palestinos da ONU.

Quem também fez críticas foi o ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF).

Em um culto numa igreja de São Paulo, ele relatou a recente visita ao território israelense, após o ataque do grupo extremista Hamas. Ele afirmou que teve um almoço com o embaixador brasileiro em Israel, ouviu relatos das vítimas que moravam nos kibutz (comunidades agrárias comunitárias) e defendeu a imparcialidade na diplomacia do Brasil, criticando o apoio à petição apresentada pela África do Sul na Corte Internacional de Justiça (CIJ), em Haia (Holanda), pela “intenção israelense de destruir e cometer genocídio na Faixa de Gaza”.

“Defendo a devolução de todos os sequestrados. E acho que o erro maior é apoiar um grupo terrorista que mata crianças, jovens e idosos gratuitamente”, disse. (**Colaboraram Ingrid Soares e Victor Correia**).

Embaixador da Palestina saúda Lula

Vinicius Loures/Câmara dos Deputados

» VICTOR CORREIA

O embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben, vê como “uma campanha injusta” a reação de Israel contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, após fala comparando as ações do país na Faixa de Gaza com as mortes na Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao **Correio**, Alzeben declarou, ontem, que Lula também condenou os ataques a Israel e que mantém o seu discurso pela paz na região. Na visão dele, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, passa por uma “crise moral” no cenário internacional e tenta desviar o foco das ações de seu governo.

“Esperamos que mais vozes pela paz sejam explicitadas. Sobre as palavras do presidente Lula na União Africana, ele condenou explicitamente os massacres contra os judeus, com palavras bem claras



Alzeben: “Esperamos que mais vozes pela paz sejam explicitadas”

e consistentes. Por isso, vemos essa campanha como injusta”, enfatizou o embaixador.

“Agradecemos ao presidente Lula por suas posições honrosas e consistentes em defesa

da paz, dos direitos humanos e do direito internacional, que inclui o direito nacional legítimo do povo palestino de ser soberano e ter seu próprio Estado”, acrescentou.

Para Alzeben, Israel está “encurralado” por conta da violência na Faixa de Gaza, o que o levou a “implementar sistematicamente o genocídio”. Ele destacou o ataque terrestre programado em Rafah, na fronteira com o Egito, onde cerca de 1,6 milhão de civis se refugiam.

“Parece mentira que a gente vive no século XXI e as imagens transmitidas pelas redes — que não chegam ao Brasil — praticamente mostram que estamos na primeira ou na segunda guerra mundial”, apontou o embaixador. “Consideramos que essa campanha é injusta, levada a cabo por Netanyahu e sua banda que governa Israel. Vemos sinceridade e consistência nas posições do presidente Lula. Eles (Israel) que têm que se preocupar”, completou.

A reportagem procurou o embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine, para comentar as declarações, mas a embaixada informou que ele não comentará.

Jornalista judeu faz alerta a presidente

» HENRIQUE LESSA

Para o jornalista e editor do site Ópera Mundi, Breno Altman, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deveria pensar em ampliar a segurança depois das declarações comparando a operação militar israelense em Gaza ao Holocausto. Para ele, os serviços de inteligência de Israel são famosos pelas operações no exterior que eliminam adversários do Estado israelense.

“Se eu fosse o Lula, eu dobrava

a segurança. Mas a declaração dele não comparou grandezas, comparou metodologias. Na comparação metodológica ele está correto, ou seja, é a metodologia de extermínio de um povo. O Holocausto teve uma escala industrial, mas a ideia de extermínio é similar. É isso o que deseja o governo Netanyahu, uma limpeza étnica”, disse Altman ao **Correio**.

O jornalista lança, amanhã, na Universidade de Brasília (UnB), o livro *Contra o sionismo*, em que

discute a doutrina que fundamenta a criação do Estado de Israel na primeira metade do século 20. Altman defende, no livro, que essa é uma ideologia colonial e racista e critica a ação militar de Israel em Gaza, que diz já se aproximar, em número de crianças mortas, ao de crianças judias vítimas do Holocausto.

“Claro que o nazismo teve uma escala industrial muito superior ao que nós temos hoje na Palestina. Mas se continuar isso por mais tempo, o número de

mortes de crianças (em Gaza) pode superar ao nazismo”, frisou.

Com suas posições críticas, apesar de judeu, Altman virou alvo de um inquérito da Polícia Federal (PF).

Além de polêmicas, o jornalista acumula uma série de denúncias e processos movidos pela Confederação Israelita do Brasil (Conib).

A reportagem tentou contato com o presidente da Conib, Cláudio Lottenberg, que preferiu não comentar o assunto.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Lula chamou Netanyahu para dançar um minuetto

De origem aristocrática, o minuetto foi uma dança muito popular na corte de Luís XIV, o Rei Sol, monarca conhecido pela frase-síntese do absolutismo: “*L’état, c’est moi*” (o Estado sou eu). Nos séculos XVII e XII, difundiu-se pela Europa, com ecos por aqui, por ser uma dança alegre e de passos miúdos, que não exigia um grande vigor físico, mas apenas ritmo para acompanhar o compasso 3/4. O minuetto inspirou nossos sambistas a dançarem o “miudinho”; na política, “dançar miudinho” é sinônimo de saia justa, isto é, um grande constrangimento.

Muitos compositores incluíram o “minuit” em suas sonatas, sinfonias e músicas de câmara, como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven e Paderewski. O minuetto da *Sinfonia nº 40* de Mozart, porém, nada tem de elegante nem gracioso, mas exprime um grande sentimento de angústia. É mais ou menos o que está acontecendo com a diplomacia brasileira após as declarações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre o massacre israelense em Gaza, em retaliação ao atentado terrorista do Hamas.

Lula chamou o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, para dançar um minuetto, mas errou o compasso. Ao comparar o líder israelense a Hitler, e a situação dos palestinos em Gaza à dos judeus nos campos de extermínio nazistas, cometeu um grave erro diplomático, porque tirou a questão da trégua humanitária e das negociações de paz do seu contexto e provocou uma crise diplomática entre Brasil e Israel. Netanyahu, um político populista e experiente, que confronta até os aliados, acusou Lula de antissemitismo, um trauma secular para a comunidade judaica do mundo inteiro, inclusive aqui no Brasil.

Netanyahu reagiu de forma virulenta como sempre faz, mas foi hábil ao tirar de foco o massacre promovido pelas Forças de Defesa de Israel em Gaza, uma retaliação desproporcional ao atentado terrorista do Hamas, mesmo considerando-se a questão dos reféns. Além disso, declarou Lula persona non grata em Israel e humilhou o embaixador brasileiro Frederico Salomão Duque Estrada Meyer, que é judeu, ao convocá-lo para uma repreensão oficial no Museu do Holocausto e não na sede do Ministério de Relações Exteriores.

Com 70 anos, Meyer é um embaixador experiente, que já atuou no Cazaquistão, de 2006 a 2011, e no Marrocos, de 2011 a 2015. Também serviu nas missões diplomáticas brasileiras no Iraque, na Rússia, na Suíça, em Cuba, na Guiana e junto às Nações Unidas. Certamente, se fosse consultado, recomendaria ao presidente Lula focar suas declarações nas negociações em curso entre Israel e o Hamas, via Estados Unidos, Egito e Catar, para libertação dos reféns e uma nova trégua humanitária. Deixar o confronto pessoal com Netanyahu em segundo plano.

A resposta de Lula não foi nem será um pedido de desculpas, como exigem Netanyahu e a comunidade israelita no Brasil, o que seria uma humilhação. Foi também escalar a crise diplomática, ao convocar o embaixador de Israel no Brasil para uma dura conversa com o chanceler Mauro Vieira e chamar o embaixador Meyer de volta ao Brasil. No rito diplomático, são mensagens duras, que antecedem rompimentos diplomáticos, porém, na maioria das vezes são chumbo trocado, e param por aí mesmo.

Genocídio e antissemitismo

A esquerda brasileira acusa o atual governo de Israel de genocida, enquanto a direita revida qualificando-a de antissemita. As duas narrativas dominam os debates sobre a guerra de Gaza nas redes sociais e na mídia, mas a nossa diplomacia não pode cair nessa armadilha, ou seja, na polarização política que existe no Brasil. Netanyahu é aliado de primeira hora do ex-presidente Jair Bolsonaro, tem informações privilegiadas sobre a situação do Brasil, até porque houve intensa colaboração entre os serviços de inteligência dos dois países. Sabe que a extrema direita brasileira é influente no Congresso e tem apoio de grande parcela da população.

A recíproca não é verdadeira na relação de Lula e do PT com a oposição a Netanyahu em Israel. Historicamente, a esquerda brasileira apoia os países árabes. Além disso, há um antissemitismo mascarado como antissionismo na sociedade brasileira, desde o período colonial. O Brasil presidiu a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) que criou o Estado de Israel e sempre foi a favor da solução de dois estados para o conflito árabe-israelense. Tanto o Likud, partido de Netanyahu, como o Hamas, doutrinariamente, apostam na guerra contra essa solução.

Lula errou politicamente. Não sabemos se foi arroubo de oratória ou deliberado. Não vai se desculpar, porém já sabe que precisa relativizar as declarações sobre a guerra de Gaza, via a diplomacia, ou o Twitter da primeira-dama Janja da Silva. Tenta descolar sua crítica a Netanyahu da comunidade judaica, mas isso é leite derramado. Há uma questão subjacente que mereceria outra coluna, mas podemos resumir. Há um erro de conceito na sua diplomacia presidencial, que pode resultar num desastre para a política externa brasileira.

Lula era um líder dos países em desenvolvimento reconhecido e respeitado em todo o Ocidente. Ao tentar projetar sua liderança para além da esfera de influência da nossa liderança regional e da posição de 9ª economia do mundo, como fez na guerra da Ucrânia e, agora, em Gaza, não tem consenso interno nem projeção de poder para isso. Ou seja, dá um passo maior do que as pernas e se desgasta junto aos aliados dos países desenvolvidos. O papel de líder no Sul Astral, apenas, não vale essa troca.